



PALÁCIO DA CIDADELA DE CASCAIS



Palácio da Cidadela de Cascais
Quarta-feira a domingo.
11h30; 14h30; 16h00

Visitas e informações
(+351) 21 361 46 60 / 92 604 58 83 (disponibilidade
das visitas condicionada pela agenda presidencial)

Encerrado
1 de janeiro | domingo de Páscoa
1 de maio | 25 de dezembro

Museu da Presidência da República
Palácio da Cidadela de Cascais
Av. D. Carlos I – 2750-642 Cascais
(+351) 21 361 46 60 / 92 604 58 83 (marcações)
museu@presidencia.pt
www.museu.presidencia.pt

museudapresidencia republica

PALÁCIO DA CIDADELA DE CASCAIS

De antiga casa do governador da fortaleza, passa a ser conhecido, em 1870, como Real Paço de Cascais, no reinado de D. Luís. Com D. Carlos, Cascais e a Cidadela ganham uma nova vida, graças à moda da «ida a banhos». Em 1910, na mudança de regime, transita para a Presidência da República, sendo usado pontualmente pelo chefe de Estado. Concluído o projeto de reabilitação em 2011, o Palácio da Cidadela ganha nova função, abrindo pela primeira vez ao público.



Sala de Jantar

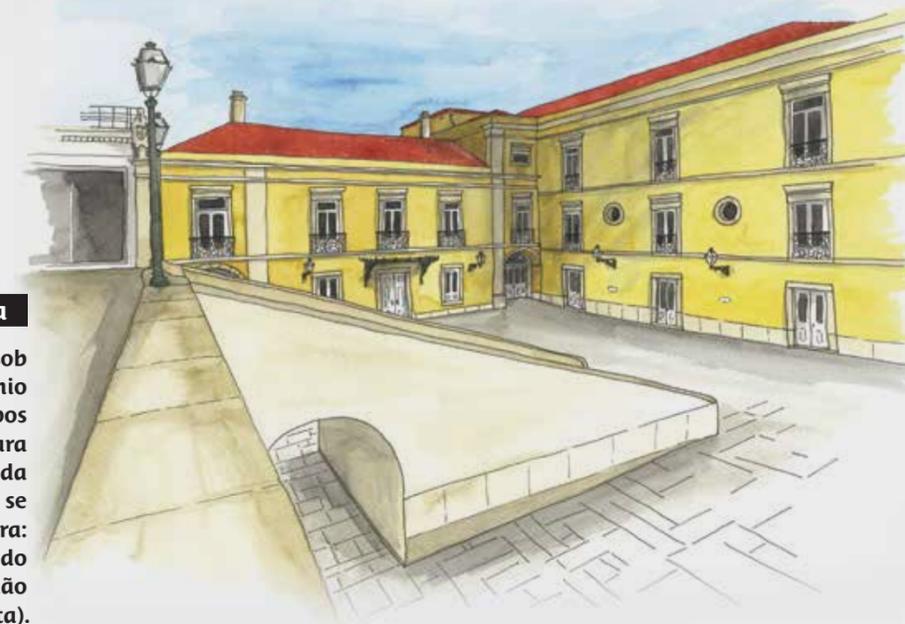
O programa decorativo da sala data de finais do século XIX – reinado de D. Carlos – e sobressaem os trabalhos em madeira do teto, paredes e aparadores, de autoria de Frederico Augusto Ribeiro.

Sala Árabe

Sala construída na década de 1870 para D. Luís e D. Maria Pia. O teto reproduz um padrão do Palácio de Alhambra, em Granada (Espanha). A obra em estuque pintado é atribuída aos irmãos Meira (Domingos e António), conhecidos estucadores pelos trabalhos noutros palácios, como no Palácio Nacional da Pena, em Sintra, ou no Palácio da Bolsa, no Porto.

Pátio de Honra

No reinado de D. Luís, e sob orientação do arquiteto Possidónio da Silva, foram unidos três corpos distintos da fortaleza para formarem o então Real Paço da Cidadela, e que ainda hoje se identificam no pátio de honra: a bateria (à esquerda), a casa do governador (ao centro) e o pavilhão de Santa Catarina (à direita).



MONARQUIA

Foi no Palácio da Cidadela que ocorreu, em 1878, uma das primeiras experiências de luz elétrica em Portugal, por ocasião do 15.º aniversário de D. Carlos. O rei D. Luís, seu pai, encomendou, de Paris, seis candeeiros que foram colocados na bateria do edifício.

PRIMEIRA REPÚBLICA

Durante a Primeira República, vários presidentes estiveram no Palácio da Cidadela de Cascais, passando temporadas, ou procurando refúgio, em momentos conturbados. Naquele tempo, os «ares de Cascais» tinham fama de medicinais, levando os médicos a aconselhar a estada de Manuel de Arriaga (1913) e João do Canto e Castro (1919) no palácio.

DITADURA MILITAR E ESTADO NOVO

O presidente Óscar Carmona escolheu o Palácio da Cidadela de Cascais como residência oficial onde morou, com a família, entre 1928 e 1945. Durante esse período, nasceu no palácio um neto do presidente. Todos os anos, no dia do aniversário de Carmona, repete-se o ritual da visita à Cidadela de todos os membros do Governo, incluindo Salazar.

DEMOCRACIA

Desde a conclusão, em 2011, do projeto de reabilitação, o Palácio da Cidadela já hospedou diversos chefes de Estado de visita a Portugal, como o príncipe Alberto II do Mónaco, o presidente de Moçambique, Armando Gebuza, ou o presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos.

Palácio da Cidadela de Cascais



O Palácio da Cidadela de Cascais é tutelado pela Presidência da República. Entre 2007 e 2011, foi sujeito a obras de reabilitação que possibilitaram a sua adaptação à realização de iniciativas da Presidência, assim como à hospedagem de chefes de Estado – e respetivas comitivas – em visita a Portugal.

Desde 2011, tornou-se também – pela primeira vez na sua longa história – um espaço aberto ao público, oferecendo um programa cultural variado, como visitas guiadas ao palácio e capela, exposições temporárias e outras iniciativas.



Quarto da suite D. Carlos

As origens

Para remontar às origens deste palácio é preciso conhecer um pouco da história da fortaleza onde está inserido: a Cidadela de Cascais. Essa história começa em 1488, no reinado de D. João II, quando é construída uma estrutura militar defensiva: a torre de Santo António. Um século depois, já sob o domínio espanhol, é levantada a fortaleza de Nossa Senhora da Luz, de invulgar planta triangular, para reforçar a defesa da baía de Cascais. Em 1641, um ano após a restauração da independência, já com o rei D. João IV, inicia-se a construção da grande Cidadela, inserida num projeto de fortificação da linha da costa que ia desde Peniche a Xabregas, em Lisboa. É nessa altura que a Cidadela adquire,



no essencial, o aspeto que hoje mantêm: a porta de armas, as muralhas e as baterias (lugar de onde se disparavam os canhões), os edifícios e a capela de Nossa Senhora da Vitória.



Altar-mor da capela de Nossa Senhora da Vitória



São Sebastião
Madeira
Portugal
Século XVIII
Palácio da
Cidadela de Cascais

Monarquia (1870-1910)

O Palácio da Cidadela começou por ser a casa do governador da fortaleza. Em 1870, D. Luís e D. Maria Pia, acompanhados dos filhos, D. Carlos e D. Afonso, vêm passar uma temporada de veraneio em Cascais, ficando alojados nesta casa. Desde então, a temporada repete-se anualmente, aproveitando-se para festejar aí os aniversários de D. Carlos (28 de setembro), de D. Maria Pia (16 de outubro) e de D. Luís (31 de outubro). Há notícia de inúmeras obras de adaptação da casa do governador a Paço Real da Cidadela, dirigidas pelo arquiteto Joaquim Possidónio da Silva. O Real Paço de Cascais – designação que então se generaliza – acabaria também por ficar ligado ao reinado de D. Luís, por ter sido o local onde o rei passou os últimos dias de vida e veio a falecer, no dia 19 de outubro de 1889. O seu sucessor, D. Carlos, herdou-lhe a paixão pelo mar e o interesse pelo Palácio de Cascais. Em 1902, foi acrescentado um piso ao edifício para os aposentos reais e um laboratório de biologia marinha (o primeiro em Portugal), de apoio às explorações oceanográficas que promoveu. Durante o seu reinado, foram vários os chefes de Estado que passaram pelo Paço, como Eduardo VII de Inglaterra. Foi também na Cidadela que D. Carlos concedeu a última entrevista, dois meses antes do regicídio, ao jornal francês *Le Temps*.



Quarto do rei D. Luís no Palácio da Cidadela de Cascais. A. Bobone, 1889
Palácio Nacional da Ajuda



Aguarela do rei D. Carlos representando o Palácio da Cidadela de Cascais. 1885

Museu-Biblioteca da Casa de Bragança

Primeira República (1910-1926)

Com a mudança de regime, em 1910, o Palácio da Cidadela de Cascais passou para a Presidência da República. A partir de 1912, tal como aconteceu com o Palácio de Belém, começou a ser usado, pontualmente, pelos presidentes da República. Manuel de Arriaga, o primeiro presidente eleito, foi também o primeiro chefe do Estado republicano a utilizar o Palácio da Cidadela, no inverno de 1913. À semelhança do que acontecia para o Palácio de Belém, o Ministério das Finanças cobrava uma renda mensal que para Cascais começou por ser de 30 escudos. Esta obrigatoriedade manteve-se durante toda a Primeira República. Até ao final desse período, passaram pelo



Manuel de Arriaga na varanda do Palácio da Cidadela de Cascais, com o filho e secretário particular, Roque de Arriaga. Joshua Benoliel, 1911
DGPC/SIPA

Palácio da Cidadela os presidentes Bernardino Machado (1915-1917 / 1925-1926), Canto e Castro (1919), António José de Almeida (1919-1923) e Manuel Teixeira Gomes (1923-1925).



Bernardino Machado no Palácio da Cidadela de Cascais. 1917
Museu Bernardino Machado

Ditadura Militar e Estado Novo (1926-1974)

Na sequência do golpe militar de 28 de maio de 1926, Manuel Gomes da Costa, um dos seus líderes, ficou detido na Cidadela antes de partir para o exílio nos Açores, após ter sido deposto do cargo de Presidente da República. É com o Estado Novo que termina a obrigação de os presidentes pagarem uma



Óscar Carmona no salão do Palácio da Cidadela de Cascais. Cecil Beaton, c. 1949
Museu da Presidência da República

renda mensal pelo usufruto dos palácios de Belém e da Cidadela de Cascais. Passa, então, a existir, de facto, uma residência oficial do Presidente da República.

Óscar Carmona optou por residir no Palácio da Cidadela de Cascais, com a família, entre 1928 e 1945.



Pote com tampa
Porcelana decorada a azul sob o vidrado e esmaltes sobre o vidrado, wucái ou «cinco cores»
China
Meados do século XVII
Casa Reynaldo dos Santos /
Câmara Municipal de Cascais

Cama
Paul Sormani (assinado)
Madeira pau-santo,
pau-violeta, carvalho,
e bronze
França
Século XIX
Palácio Nacional de Belém



Durante este período, fizeram-se vários melhoramentos no edifício, como a recuperação e devolução ao culto da capela do palácio e o fecho da varanda aberta sobre o mar, obra a cargo do Ministério das Obras Públicas, chefiado por Duarte Pacheco. Carmona recebia com regularidade a visita do presidente do Conselho, Oliveira Salazar, que se deslocava à Cidadela para o despacho. O Palácio de Belém continuava a ser utilizado, mas apenas para as cerimónias oficiais. Logo após a tomada de posse (9 de agosto de 1951), Francisco Craveiro Lopes fixou residência na Cidadela com a família, durante cerca de um ano, enquanto decorriam obras no Palácio de Belém, para onde se mudou em 1952. Craveiro Lopes continuou, contudo, a passar os meses de verão em Cascais. Com casa própria no Restelo e em Cascais, Américo Tomás (eleito em 1958) optou por não habitar nem o Palácio de Belém, nem o Palácio da Cidadela, utilizando Belém para o despacho e ocasiões formais. Durante os seus sucessivos mandatos (1958-1974), a Cidadela foi apenas pontualmente utilizada pela Presidência.

Democracia (1974)

Sem «habitantes» desde 1958, data do final do mandato do presidente Craveiro Lopes, o Palácio da Cidadela de Cascais chegou a 1974 com diversos problemas de conservação. Aos dois primeiros presidentes da Democracia – António de Spínola e Francisco da Costa Gomes – não sobrou tempo para desfrutarem daquele espaço. António Ramalho Eanes, primeiro presidente eleito por sufrágio direto e universal, em 1976, fixa residência no Palácio de Belém. Contudo, durante os seus dois mandatos (1976-1986), o Palácio da Cidadela é alvo de pontuais melhoramentos, e, no início da década de 1980, acolhe algumas iniciativas. No verão de 1988, já durante a presidência de Mário Soares (1986-1996), destaca-se a ida das obras de arte do Museu do Chiado para o Palácio da Cidadela, na sequência do incêndio do Chiado. Nessa altura, já residia no palácio o general Carlos Azevedo, que tinha vindo do Porto para chefiar a Casa Militar do presidente Mário Soares. Seguiu-se um longo período em que o edifício não foi utilizado, o que contribuiu para a sua degradação. Durante o segundo mandato de Jorge Sampaio (2001-2006),



Lustre
Vidro
Itália (Murano)
Século XIX
Presidência da República



Os Dois Irmãos
Joaquim Batista da Costa
Óleo sobre tela
1922
Museu da Presidência da República

o Museu da Presidência da República iniciou o estudo da história e das vivências do palácio – um primeiro e importante passo no sentido da sua reabilitação. As obras seriam concretizadas entre 2007 e 2011, já na presidência de Aníbal Cavaco Silva, um processo conduzido pela Presidência da República, com verbas disponibilizadas pelo Turismo de Portugal. Em 2011, o Palácio da Cidadela de Cascais abriu ao público pela primeira vez na sua história.



Contador
Madeira lacada
Japão [?]
Século XIX
Museu Nacional de Arte Antiga / legado de Ana Maria Pereira da Gama